



## *Torres Vedras vista pelos militares britânicos na Guerra Peninsular*

Maria Leonor Machado de Sousa,  
Professora Catedrática do Centro de Estudos Anglo-Portugueses

À medida que a civilização evoluiu e que os meios de comunicação, desde o livro ao telemóvel, foram facilitando as relações entre os homens, a curiosidade e o desejo de explorar as várias possibilidades que os meios de transporte cada vez mais rápidos e sofisticados ofereciam foram aproximando as várias comunidades, os vários povos, que, na época da globalização em que vivemos, vão atenuando as diferenças e os hábitos.

É certo que as próprias comunidades - as nações do mundo moderno - foram criando consciência das suas características, dos seus costumes, que acabaram por se fixar em figuras simbólicas, como o Zé Povinho português, o John Bull inglês ou o Tio Sam americano. A par dessas personagens, “caseiras” por assim dizer, outra visão foi sendo criada pelos estrangeiros que iam tendo com elas contactos cada vez mais próximos. Há cerca de 50 anos, talvez por influência da 2ª Guerra Mundial, que alargara a convivência de representantes das várias nacionalidades, eram comuns, pelo menos em Portugal, um país por excelência dado às anedotas, histórias jocosas de representantes de vários países postos numa mesma situação, à qual cada um reagia de acordo com a maneira de ser que se considerava típica.

Um caso particularmente caracterizado é o dos ingleses. Talvez porque, sendo europeus, vivem afinal fora da Europa e sentem algum peso da insularidade, têm idiossincrasias mais acentuadas e especial propensão para a viagem. Pensando no caso de Portugal, o número de viajantes que nos visitaram nos séculos XVIII e XIX, épocas que por razões várias despertaram algum interesse a nosso respeito, é incomparavelmente superior no caso dos ingleses, relativamente aos outros povos. Mas, falando em geral, o viajante inglês tornou-se um estereótipo em todo o mundo, sendo uma figura que a literatura frequentemente aproveitou. O viajante inglês levava consigo hábitos profundamente arraigados de que não abdicava, no vestuário, na alimentação, nos entretenimentos, na forma como adaptava o ambiente em que vivia. Essa atitude foi bem clara no modo como organizou as comunidades coloniais, que durante tanto tempo marcaram uma presença que poderíamos até chamar dissonante em África, no Próximo Oriente e sobretudo na Índia. Nos fins do século XIX e primeiras décadas do XX, o inglês típico vestia calças “à golf” e casacos desportivos de *tweed*, usava boné e trazia ao ombro uma bolsa com o que considerava os apetrechos indispensáveis para a viagem. Hoje eles incluem a máquina fotográfica ou de filmar, mas recuando no tempo e chegando à altura em que a viagem começou a ser uma prática mais corrente, na segunda metade do século XVIII e sobretudo no século

XIX, quando a comodidade ia constantemente melhorando, os precursores desses instrumentos eram mais artesanais, mas indispensáveis: papel, lápis e aguarelas.

Ser-lhes-ia aparentemente impensável empreender uma viagem sem a possibilidade de tomar apontamentos da paisagem ou de cenas consideradas interessantes por qualquer razão, enriquecendo as descrições com desenhos geralmente feitos no momento. Tal era a ânsia de fixar o que despertava a atenção que até na guerra isso acontecia. Adam Neale, médico dos exércitos ingleses que desembarcaram próximo de Torres Vedras, na Baía de Peniche, em 1808, imediatamente a seguir à Batalha da Roliça, conta no volume de cartas que publicou logo em 1809<sup>1</sup> como foi conhecer o campo onde se preparava a batalha iminente que seria a do Vimeiro:

Tendo chegado ao lugar onde estava instalada a brigada de artilharia, tinha a visão completa de todo o panorama, a cena mais grandiosa e pitoresca que possas imaginar.

O vale, a aldeia e toda a extensão dos belos e românticos arredores estendiam-se perante os meus olhos como um mapa. A atmosfera estava serena, o Sol brilhava num céu azul e prateado, salpicado de nuvens felpudas, e eu conseguia ver distintamente todos os movimentos dos exércitos em confronto. (pp.12-13)

Esta descrição entusiástica dos preparativos para uma batalha que iria provocar um grande número de mortos e feridos pode parecer um pouco descabida, mas reflecte o movimento estético que então se desenvolvia em Inglaterra e que iria fazer-se sentir em toda a Europa, o Romantismo. São seus reflexos os adjectivos “grandioso” e sobretudo “pitoresco”, que caracterizam o que se procurava encontrar. E de tal maneira se considerava importante transmitir convenientemente o que se via que a descrição escrita não era bastante. Conta-nos o mesmo autor, cinco dias depois (27.08):

Ontem fui a cavalo até ao Vimeiro e fiz um esboço do campo de batalha, a partir do lugar onde estive no início do confronto. Vou mandar-to com esta carta, para que, comparando-o com ela, possas compreender melhor a curta descrição que fiz da cena. (p.29)

Esta e muitas outras, a preto ou a cores, ilustram este livro, como acontece em mais relatos de viagem ingleses, em número considerável. Pelo contrário, praticamente não encontramos obras ilustradas de viajantes de outras nacionalidades, com raras excepções, como *Bemerkungen über Portugal*, do botânico alemão Heinrich Friedrich Link, de 1801, onde foram incluídos desenhos coloridos de algumas das plantas descritas.

Pode parecer estranho que tantos participantes numa guerra - neste caso a Guerra Peninsular - tenham tido tempo e disposição para relatar, escrevendo e muitas vezes pintando, as suas experiências numa situação tão mortífera e devastadora como sabemos que foi este período das invasões francesas. Se pensarmos na cronologia destes acontecimentos, encontraremos uma explicação. Além de situações pontuais como a que descrevi, há que lembrar que os exércitos ingleses ficaram na Península em períodos de tréguas, na dúvida do que seria a actuação das tropas de Napoleão, nada pacífica, como veio a verificar-se. Mas a

---

<sup>1</sup> *Letters from Portugal and Spain*, London, printed for Richard Phillips, 1809.

verdade é que entre as duas primeiras invasões decorreram praticamente sete meses desde as Tréguas resultantes da Convenção de Sintra (Agosto de 1808) e o avanço de Soult por Trás-os-Montes em Março de 1809. Também de Maio de 1809 a Junho de 1810 as ocupações dos exércitos ingleses, além de frequentes confrontos na fronteira com Espanha, foram alguma preparação militar, o fortalecimento das Linhas de Torres e o apoio possível às populações cujos haveres e terras tinham sido destruídos. Estes períodos de vida relativamente pacífica deram oportunidade aos militares que ficaram em Portugal para conviver com os naturais do país e travar melhor conhecimento com eles e com as várias regiões onde estiveram instalados. Vale a pena citar algumas descrições do que foi a vida dos militares nesses períodos. Relativamente ao primeiro, conta James Ormsby<sup>2</sup>, pastor da Igreja Anglicana e autor de várias obras de carácter religioso, além de um volume de cartas referentes à primeira invasão:

Depois da Convenção de Sintra, as operações militares consistiam meramente numa marcha através do país; e, pela qualidade e segurança com que foi feita, parecia mais um passeio que uma campanha. Por isso havia muitas oportunidades de adquirir alguns conhecimentos úteis e agradáveis; e isto, espero humildemente que justifique as minhas desculpas pelas descrições de lugares e notas sobre costumes. (p.IV)

Também *Sir Andrew Leith Hay*<sup>3</sup> comenta a situação:

Durante este período, Lisboa parecia a capital de uma colónia britânica; a embaixada, a marinha e as tropas pareciam ter a posse imperturbável da cidade. Os soldados portugueses, comandados e disciplinados por oficiais britânicos, pareciam mais os guerrilheiros do seu poderoso aliado do que a força militar do país a que pertenciam. [...] A última parte do ano de 1809 tinha sido empregada pelos oficiais vinculados aos regimentos portugueses a organizar e treinar as suas respectivas tropas. (p.190)

No período de quase cinco meses que durou a situação de impasse nas Linhas de Torres, franceses e ingleses, igualmente pouco ocupados, tentaram tirar da situação o partido que mais lhes agradava. Uma das actividades mais frequentes para os ingleses era a caça, muito variada, segundo Jonathan Leach<sup>4</sup>, que descreve em bastante pormenor a vida naquela altura. Desportistas por tradição - e fazendo jus ao costume que referi de manter os seus hábitos - organizaram também corridas de cavalos, um grande divertimento que, dado as condições do terreno não serem as melhores, não poucas vezes redundavam em paródia, o que ele comenta:

Nunca se viu maior caricatura de corridas de cavalos: se eu tivesse a certeza de ver um espectáculo tão divertido em Newmarket, Epsom ou Doncaster, raramente deixaria de assistir.

Embora reconhecesse que a vida no exército francês era mais difícil que a do adversário, Leach conta como as bandeiras de trégua passavam frequentemente entre os dois exércitos, dando “muitas ocasiões de

---

<sup>2</sup> *An Account of the Operations of the British Army and of the State and Sentiments of the People of Spain and Portugal during the campaigns of the years 1808 & 1809*. 2 vols., London, printed for James Carpenter, 1819.

<sup>3</sup> *A Narrative of the Peninsular War*, London, John Hearne, 1850 (4ª edição). A 1ª edição é de 1831.

<sup>4</sup> *Rough Sketches of the life of an old soldier*. London, Longman, Rees, Orme and Green, 1851. Os textos aqui referidos encontram-se nas páginas 186 a 193.

conversar com os oficiais franceses que as traziam”. Ao referir esta oportunidade, Leach conta um episódio engraçado. Um dos ajudantes-de-campo de Massena gabava-se dos divertimentos proporcionados em Santarém, que incluíam um teatro montado pelos franceses. Diz ele:

Se os franceses conseguiam montar espectáculos de teatro, nós, no outro lado da estrada, decidimos que não podíamos ser ultrapassados nesse domínio.

Num antigo lagar montaram um cenário com cobertores e sobretudos. Mas as coisas correram mal porque os homens beberam demais, esqueceram os seus papéis e, na opinião deste autor, seria difícil escolher a mais ridícula das duas tentativas, corrida de cavalos ou teatro.

Leach conta também como teve cinco dias de licença, em que aproveitou para ir com um colega oficial fazer uma paródia para Lisboa, onde começou por ir à ópera. O pormenor cómico não falta, neste caso o facto de não conseguir dormir numa cama normal, de que havia tanto tempo estava desabitado. E conclui:

Passámos os nossos cinco dias de licença em Lisboa da maneira como se pode imaginar, por termos estado longe da vida civilizada durante tanto tempo. De facto, aproveitámos o tempo ao máximo e não perdemos qualquer oportunidade de nos divertirmos de acordo com o nosso gosto. Quando voltámos ao nosso posto encontrámos tudo na mesma.

Um outro autor, o tenente irlandês William Grattan<sup>5</sup>, cuja divisão ocupava Torres Vedras, acrescenta mais um sinal de apreço por Wellington, que durante este período teve o seu quartel-general no Cartaxo, aos muitos que vários militares expressaram. Conta Grattan:

Paradas durante um tempo [refere-se ao fim de Novembro de 1810] as nossas fadigas, pudemos fazer aquilo que nos agradasse. Não tínhamos treinos desnecessários, nem éramos atormentados com a maior das *maçadas* de um oficial em qualquer altura, mas especialmente em tempo de guerra, ou seja a correcção do uniforme. A consequência disto foi o facto de todos os deveres serem cumpridos com boa disposição; o exército estava na maior das disciplinas; e os homens que tinham - ou pensavam que tinham - gosto para exhibir a moda, podiam agora mostrar os seus talentos.

Com tal liberdade, não é de espantar que o nosso aspecto não fosse *tão* uniforme como alguns generais achavam que devia ser; mas *Lord* Wellington era um comandante muito indulgente: nunca nos atormentava com revistas ou outras coisas sem importância que, bem longe de promover a disciplina, têm um efeito contrário. (p.50)

A verdade é que, neste ambiente descontraído, mas ordeiro, as tropas portuguesas, cuja preparação tinha sido desde o princípio confiada ao General Beresford, seguiam a mesma disciplina que as inglesas e conviviam sem conflitos. Por isso, a súbita mudança da situação, no dia 5 de Março de 1811, em que Massena iniciou a retirada, não provocou quaisquer problemas. Embora o exército francês tivesse utilizado um expediente moratório que vários autores referem, o de simular soldados com um molho de palha e um

---

<sup>5</sup> *Adventures with the Connaught Rangers*. Ed. by Charles Oman, new ed., with a preface, notes and maps, London, Edward Arnold, 1902. (1ª ed. 1847)

capacete, as tropas aliadas alcançaram facilmente o inimigo três dias depois, em Santarém, acelerando, com alguns recontros, o seu abandono de Portugal.

Centrando-nos agora em Torres Vedras, há que dizer que, dada a proximidade dos teatros das primeiras batalhas (Roliça e Vimeiro) e dos movimentos das tropas nessa zona, Torres Vedras é frequentemente mencionada pelos militares que descreveram a sua experiência em Portugal, mas geralmente de passagem, apenas com referência ao Rio Sizandro ou ao castelo. George Landmann, engenheiro militar autor de uma obra monumental em dois volumes sobre Portugal<sup>6</sup>, descreveu brevemente esta povoação, destacando o aspecto que profissionalmente mais o interessava:

É uma vila situada no centro de um vale muito rico, rodeado por colinas, muitas delas com moinhos de vento nos topos. O vale é verdejante (prados, vinhas, etc). Todos os jardins têm um poço, o que torna a irrigação muito fácil. Este lugar fazia parte, antigamente, do dote das rainhas de Portugal, mas Filipe IV [há aqui um erro, trata-se de Filipe I] aboliu esse costume e recompensou os serviços de D. João Soares de Alarcão com os rendimentos e o título de Conde de Torres Vedras. O presente monarca português [trata-se de D. João VI, na altura ainda Regente] deu esse título ao Duque de Wellington<sup>7</sup>. A vila é grande, as ruas estreitas, tortuosas, irregulares e sujas; as casas, com não mais do que dois andares, estão bem construídas e são de pedra. Poucas famílias opulentas vivem aqui. Na parte sul da vila, a mais bonita, existem vários mosteiros. Há também ruínas de um velho castelo. As provisões são abundantes, assim como a água. Os pinheiros fornecem o combustível. Esta povoação poderia abrigar cerca de 8000 homens.

A posição desta vila é muito importante do ponto de vista militar. (vol. II, pp. 223-224)

A descrição mais pormenorizada que encontrei é do médico que já referi, Adam Neale, e está incluída numa carta datada de 8 de Setembro de 1808, já depois da assinatura da chamada Convenção de Sintra, portanto em plena época de trégua, embora o embarque dos franceses só tivesse decorrido, em Lisboa, de 10 a 15 desse mês e não tivesse sido pacífico. Conta o médico inglês:

Esta povoação é uma das mais antigas de Portugal; está muito bem situada no flanco de uma colina quase a meio de um vale pelo qual corre um rio remoinhante chamado Sisera [o nome está errado, trata-se de Sizandro], cujas margens estão cobertas de amieiros e choupos. Um castelo em ruínas, que parece ser de origem moura, ainda se avista no alto de uma pequena colina, dominando o vale e a povoação. O cenário foi saudado pela musa de Camões, quando na sua epopeia imortal enumera as conquistas de Afonso Henriques. (p.40)

Neale cita aqui o texto da tradução inglesa de Mickle da estrofe 61 do canto III de *Os Lusíadas*, que diz

Já lhe obedece toda a Estemadura,

---

<sup>6</sup> *Historical, military, and picturesque observations in Portugal*, London, printed for T.Cadell and W. Davies, 1818.

<sup>7</sup> Segundo a documentação torriense, o título terá sido Marquês, concedido em 1812.

Óbidos, Alenquer, por onde soa  
O tom das frescas águas entre as pedras  
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Esta referência pode dar razão aos que dizem que muitos viajantes traziam consigo uma edição de *Os Lusíadas*.

O nosso autor continua a sua descrição citando Dumouriez, um general francês que visitara Portugal uns anos antes (1766) e dissera que esta vila fora outrora um posto romano fortificado, como indicava o seu nome em latim, *Turres Veteres*, coisa que, segundo Neale, não deixou quaisquer vestígios. Todavia, investigações recentes puseram várias construções a descoberto. Contudo, esses achados apontam antes para um aglomerado urbano, de preferência a qualquer fortificação. E diz mais:

As casas são humildes e estão em mau estado; a população não excede 2200 habitantes. Quatro igrejas, outros tantos conventos e um hospital são os edifícios públicos.

O convento da Graça, que pertence à Ordem dos Agostinhos, é agora o nosso hospital de campanha. A igreja, que é bonita e coberta de muita talha dourada, tem também alguns quadros sem interesse. Está agora transformada em armazém de provisões.

Torres Vedras é abastecida de água através de um pequeno aqueduto que reúne as nascentes de uma colina que fica meia milha a leste da vila. No seu percurso, o aqueduto tem arcos lançados sobre o Sizandro [que ele continua a chamar Sisera] e sobre a estrada que vai para Lisboa através de Sobral de Monte Agraço. Entretenho-me muitas vezes a desenhar os românticos acessos à povoação, e vou mandar-te uma perspectiva do castelo visto de nordeste. Em primeiro plano, que é um pinhal, tentei transmitir uma ideia do que é o aspecto pitoresco do nosso exército, acampado nas clareiras pelo meio destas árvores. Por trás do castelo aparecem alguns terrenos muito elevados, cobertos de vinhas até ao cimo; para além deles fica a costa do Atlântico e o pequeno porto de Porto Novo.

Nestas montanhas há veios de um mármore lindíssimo, do qual vou tentar mandar-te algumas amostras. (pp.41-42)

Ao lado deste texto aparece no livro o desenho que Neale descreveu. A terminar a carta há uma nota sobre as duas qualidades de pinheiros que ele encontrou, acrescentando uma nota daquilo que para ele é uma curiosidade. Conta que uma destas árvores dá um fruto parecido com o pistácio - neste caso o pinhão - que é muito apreciado no Sul da Europa, onde esta árvore existe em abundância.

Outra descrição é a do Tenente-Coronel William Tomkinson<sup>8</sup>, que conta a chegada da sua brigada a Torres Vedras, no dia 22 de Outubro de 1810:

Torres Vedras está muito forte, com uma brigada portuguesa na povoação e no porto. À direita, até onde está postado o nosso exército, a região é quase inacessível, e Lord Wellington calcula que, de acordo com as informações que lhe dermos, se poderá mover antes

---

<sup>8</sup> *The Diary of a Cavalry Officer in the Peninsula War and the Waterloo Campaign* (ed. by his Son, James Tomkinson), 2<sup>nd</sup> ed. London, Frederick Muller, 1971 (1<sup>a</sup> ed. 1894).

que cheguem tropas suficientes para obterem qualquer vantagem considerável. Se conseguirem passar um destacamento para entrar no desfiladeiro e na povoação de Torres Vedras antes que cheguem as tropas, acho que a brigada agora em posição será suficiente para a defender até que cheguem reforços para ocupar o lugar necessário para a sua defesa permanente.

Entre as nossas posições avançadas e o inimigo ergue-se uma grande serra, muito íngreme e com más estradas. Passar para lá dela com a artilharia será uma empresa muito difícil; e, antes que qualquer força considerável possa avançar do seu posto actual até à nossa esquerda, teremos tempo suficiente para nos movimentarmos como e quando quisermos. (p.56)

Também William Grattan, já referido, contou a chegada a Torres Vedras (v. nota 5):

O exército continuou a sua marcha para Torres Vedras com poucas interrupções do inimigo, e no princípio de Outubro ocupámos o nosso acampamento nas trincheiras. Esta posição formidável tinha à direita Alhandra, sobre o Tejo; a esquerda apoiava-se na parte do mar [rio] onde desagua o Rio Sizandro. Ao centro havia uma cadeia de redutos armados com canhões de diferentes calibres; entre estes fortes havia uma linha dupla, e em alguns casos tripla, de parapeitos de defesa para a infantaria, e aquela posição podia ser considerada impecável. (p.46)

Estes testemunhos, como vários outros, transmitem o primeiro contacto com o sistema de fortificações conhecido como Linhas de Torres, que foi igualmente uma surpresa para Massena e o obrigou finalmente a retroceder, destruindo o seu cognome de “filho dilecto da vitória”. Conta William Napier<sup>9</sup> como ele ficou

surpreendido perante a extensão e poder das fortificações a respeito das quais só ouvira falar cinco dias antes de chegar a elas. (pp.44-45)

O resultado foi ter que passar vários dias “a examinar a sua natureza”. Ainda segundo Napier, elas defendiam “mais do que 500 milhas quadradas de uma região montanhosa situada entre o Tejo e o oceano”<sup>10</sup>. Vários oficiais descreveram as Linhas de Torres, mas terá sido talvez o General William Napier o único a pormenorizar as suas origens. Conta ele como já em 1799 Sir Charles Stuart projectara as suas posições, que, juntamente com os planos do major Neves Costa e do coronel francês Vincent, constituíam a origem daquela obra, que todavia fora prevista para defesa de um exército em movimento que defrontasse uma força igual ou pouco maior. Mas, conta Napier,

Foi Wellington quem primeiro concebeu o objectivo de fazer daquelas montanhas uma cidadela estupenda e inexpugnável, na qual ficaria centrada a independência de toda a Península. (vol.II, p.390)

---

<sup>9</sup> *History of the War in the Peninsula and in the South of France*. New edition, revised by the author. Vol. III. London, Thomas and William Boone, 1860 (1<sup>st</sup> ed. 1828-29)

<sup>10</sup> *Op. cit.*, vol. II, p.390.

A opinião final do General resume-se ao terminar da descrição das famosas fortificações:

Estas célebres linhas eram grandes de concepção e execução, mais de acordo com as actividades militares antigas que modernas; e ficou claro, contrariamente ao que alguns autores franceses julgam, que a defesa não estava dependente da primeira linha. Se esta tivesse sido conquistada, o estandarte da independência portuguesa continuaria a flutuar em segurança por entre as rochas da segunda linha. (vol.III, p.43)

É muito interessante a avaliação que Napier fez da verdadeira situação estratégica e militar das Linhas de Torres, cujo efeito ele definiu com algum humor:

A guerra ficou reduzida a um bloqueio. Massena procurava apenas alimentar o seu exército até que chegassem reforços; Wellington tentava matar os franceses à fome antes que lhes chegasse qualquer socorro. (vol.III, p.46)

Não é demais sublinhar a importância estratégica das Linhas de Torres no desfecho das invasões francesas em Portugal, mas foi muito caro o preço que os portugueses pagaram pela sua independência. Esse preço impressionou os militares britânicos que viveram esta época em Portugal e que nem sempre compreenderam positivamente a chamada “guerra da usura” ou “política de terra queimada” que Wellington viu correctamente como sendo a única possibilidade de salvar Lisboa do domínio francês, salvação essa que o exército inglês - que teve sempre a sua marinha preparada para o receber, na situação-limite de uma derrota - não teria dimensão para sustentar os exércitos que Napoleão mandara dominar Portugal a todo o custo, o que significaria aquilo que era o seu objectivo primordial, a derrota da Inglaterra, a única nação europeia que desde o princípio frustrara os seus desígnios políticos e económicos. Resumirei nas palavras do capitão John Kincaid<sup>11</sup> o que foram as medidas de Wellington:

*Lord Wellington estava no decurso da retirada das fronteiras espanholas em direcção às Linhas de Torres Vedras e obrigara os habitantes da linha de marcha a abandonar as suas casas e a destruir ou levar consigo tudo o que pudesse ser útil ao inimigo. Foi uma medida que veio a salvar o país, embora ruínosa para os implicados. (p.2)*

Estas medidas cortaram o abastecimento do exército francês, mas tiveram resultados igualmente terríveis para os portugueses que se refugiaram na zona entre Torres Vedras e a capital, “uma população imensa amontoada num pequeno espaço, centenas sem casa que os cobrisse ou qualquer alimento excepto o que lhes chegava da generosidade dos ricos de Lisboa e das liberais subscrições feitas para eles em Inglaterra”<sup>12</sup>. Muitos deles subsistiram à conta de ervas fervidas em potes de barro, um dos argumentos com que Wellington conseguiu convencer o Rei George IV e o Governo inglês a reunir os recursos aqui referidos e que constituíram um acção de recuperação da vida rural portuguesa que ficou conhecida como “The Distribution”.

Não foram apenas as Linhas de Torres que ligaram Torres Vedras a Wellington. Foi aqui que, no dia 29 de Agosto de 1808, Dalrymple lhe apresentou o texto da Convenção de Sintra para que ele a assinasse, o que

<sup>11</sup> *Adventures in the rifle brigade*, London, White&Co., 1892. (1ª ed. 1830)

<sup>12</sup> J. Leach, *op. cit.*, p.175.

fez contra vontade e só depois de ter conseguido algumas alterações propostas na reunião de oficiais gerais que convocou. Foi também de Torres Vedras que escreveu algumas cartas amarguradas pela situação subalterna em que as medidas atabalhoadas do governo de Castlereagh o tinham colocado desde a sua chegada a Portugal. Uma delas, de 30 de Agosto, permite avaliar a postura do homem que, saudado como herói libertador pelo povo que combatera sob o seu comando, se via injustiçado pelo seu próprio país:

Garanto-lhe, caro Senhor, que os assuntos não estão a correr bem por aqui; e sinto um desejo profundo de abandonar o exército. Fui demasiado bem sucedido com este exército para o servir numa posição subalterna, com satisfação para a pessoa que o irá comandar e, claro, não para mim. Contudo, farei o que o Governo entender.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> *The Dispatches of Field Marshall Lord Wellington*, London, Parker, Furnivall and Parker, 1844, vol.III, p. 107.